

**O negro e a telenovela brasileira a partir da década de 2010:
reflexões sobre a identidade da nação**

*Black people and the Brazilian telenovela from the 2010s:
reflections on the nation's identity*

Lucas Pires de OLIVEIRA¹

Resumo

Este artigo discute a representação de pessoas negras em telenovelas do horário nobre da Rede Globo, exibidas entre 2010 e 2022. O objetivo principal é observar a presença e a posição dos personagens interpretados por esses profissionais nas tramas, buscando compreender em que medida houve redução nas práticas de estereotipagem na última década, amenizando o que Hall (2016) denomina como violência simbólica. Como estratégia metodológica, foi realizada uma pesquisa quantitativa, por meio de um mapeamento das produções, número de atores negros e sua função na narrativa ficcional. Os resultados revelam avanços no que se refere ao papel do negro na estrutura midiática e a importância da telenovela no processo de representação e visibilidade da diversidade nacional. Porém, aponta para a reflexão crítica no que diz respeito à proporcionalidade de atores negros na teledramaturgia brasileira.

Palavras-chave: Representação. Negro. Telenovela brasileira. Identidade. Linguagem.

Abstract

This article discusses the representation of black people in prime time telenovelas of Rede Globo, aired between 2010 and 2022. The main objective is to observe the presence and position of the characters played by these professionals in the plots, seeking to understand to what extent there was a reduction in stereotyping practices in the last decade, mitigating what Hall (2016) calls symbolic violence. As a methodological strategy, a quantitative research was conducted by mapping the productions, the number of black actors, and their function in the fictional narrative. The results reveal advances regarding the role of blacks in the media structure and the importance of telenovela in the process of representation and visibility of national diversity. However, it points to critical reflection regarding the proportionality of black actors in Brazilian teledramaturgy.

Keywords: Representation. Black. Brazilian telenovela. Identity. Language.

¹ Especializado em Mídia, Informação e Cultura no Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC), da Universidade de São Paulo. E-mail: lucaspires019@gmail.com

Introdução

É cada vez mais notável a articulação das práticas culturais com os circuitos midiáticos, de tal modo que “a mídia se torna o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais” (SODRÉ, 1996, p. 28). Nessa perspectiva, e, compreendendo que a cultura diz respeito ao compartilhamento de significados (HALL, 2016), buscamos analisar em que medida a telenovela brasileira contribui para estimular o debate da identidade nacional por meio da representação de pessoas negras.

Alçada a um dos principais produtos da indústria cultural, a novela, como é popularmente chamada, tem importante função social na medida em que “dá visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e não a outros” (LOPES, 2003, p. 19), regulando assim uma variedade de pautas que se articulam nos âmbitos da vida pública e privada. Esse gênero destaca-se ainda por fortalecer a tríade comunicação, cultura e sociedade, consolidando-se como a narrativa ficcional da nação, que, embora não tenha compromisso direto com a realidade, possui a capacidade de mostrar como as coisas são.

No entanto, ao estabelecermos uma relação entre telenovela e a cultura nacional, torna-se necessário refletir acerca da problemática que gira em torno desse conceito ao longo do tempo. Usaremos aqui a noção antropológica do termo cultura, que, nos últimos anos, “passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social” (HALL, 2016, p. 19). Assim, a cultura reflete quem somos e como somos e, portanto, está intimamente ligada aos significados compartilhados entre os membros de uma sociedade, atrelados à produção e ao intercâmbio de sentidos.

Além da cultura, Hall (2016) atribui à linguagem a elaboração e a circulação de significados, haja vista que essa opera como sistema representacional. Segundo o autor, “a linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (HALL, 2016, p. 18).

O mito da brasilidade e a realidade nacional

Tendo em vista que nossa proposta é analisar a contribuição da telenovela para o debate sobre identidade nacional por meio da representação de pessoas negras, faz-se necessário esclarecer o que compreendemos enquanto nação. Para Souza (2009, p. 32),

Uma nação se constitui apenas quando os nacionais se identificam efetivamente, em alguma medida significativa, como “brasileiros” e não mais, por exemplo, como gaúchos, paulistas ou pernambucanos. A nação implica uma generalização de vínculos abstratos que se contrapõem efetivamente aos vínculos concretos estabelecidos por relações de sangue, vizinhança ou localidade.

A partir das contribuições de Souza (2009), percebemos que o DNA simbólico da sociedade está bastante ancorado nas particularidades de um Brasil que se diferencia dos demais países pela cordialidade, simpatia e calor humano, potencializando o mito da brasilidade. Souza (2009, p. 381), contudo, explica que por muito tempo esse mito “entrouvrou o reconhecimento amplo da existência de racismo entre nós: o mito da cordialidade e da mistura entre as raças sempre serviu para amenizar as considerações sobre o racismo brasileiro”.

O sentimento de comunidade e pertencimento internalizado pelas pessoas é vital para formar o imaginário de uma identidade nacional. Mas na prática, como percebemos a realidade da nação? A tal generalização que extrapola as relações de sangue contempla a todos os brasileiros? Como a mídia, por meio das telenovelas, reflete a integração de pessoas negras no corpo social?

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os negros representam a maioria da população nacional². Os dados indicam que 56,1% dos brasileiros se declaram negros, grupo que reúne pretos e pardos. Nessa perspectiva, deslocamos nosso eixo de análise para a realidade de um país, majoritariamente, negro, mas, paradoxalmente, marcado pelo racismo estrutural que cresce diariamente³.

Por meio dessa estatística, podemos observar que o Brasil ainda tem muito a avançar no que se refere ao projeto de identidade nacional. Souza (2009, p. 36) pontua

² Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 25 set. 2022.

³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sp-ja-registrou-mais-casos-de-racismo-em-2022-que-em-todo-o-ano-passado/>. Acesso em 25 set. 2022.

que, a partir da mistura étnica e cultural do brasileiro “é que poderíamos nos pensar como o povo do encontro cultural por excelência, da unidade na diversidade, desenvolvendo uma sociedade única no mundo precisamente por sua capacidade de articular e unir contrários”.

Um dos principais desafios, nesse sentido, é combater a ideia de que uma identidade nacional se fundamenta em critérios de raça, o que retoma os princípios de um pensamento colonial, cuja característica marcante foi, justamente, estabelecer uma hierarquia por meio da alteridade entre o homem branco e o “outro”. Sublinhamos também que a subordinação da periferia no sistema-mundo é favorecida, conforme Castro-Gómez (2007, p. 14, tradução nossa), a partir “do desenvolvimentismo, das formas eurocêntricas de conhecimento, desigualdade de gênero, hierarquias raciais e os processos culturais/ideológicos. Sodré (2015, p. 266) afirma que, na sociedade esteticamente regida pelo paradigma branco,

A clareza ou a brancura da pele, mesmo sem as barreiras guetificantes do multiculturalismo primeiro-mundialista, persiste como marca simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social ou de defesa contra as perspectivas “colonizadoras” da miscigenação, da coexistência com imigrantes cada vez mais numerosos nos fluxos de globalização.

Nesse itinerário, a mídia, por meio dos seus produtos culturais, revela-se um componente essencial para o debate da identidade nacional, uma vez que, através da telenovela, utiliza a linguagem televisiva para “expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (HALL, 2016, p. 31).

Representação do negro na telenovela brasileira

Dirigido por Joel Zito Araújo, o documentário *A Negação do Brasil* (2000), analisou a produção das telenovelas entre 1963 e 1997, reunindo atrizes e atores negros que atuaram nesse período⁴. O trabalho buscou mostrar, sobretudo, como a identidade do negro foi representada naquela época, propondo uma reflexão sobre o lugar que o ator ocupava na estrutura midiática, neste caso, as telenovelas. Muitos deram vida a personagens que exerciam papéis, cujos estereótipos das criadas cômicas e atrevidas, da

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvNPhyS863o>. Acesso em 25 set. 2022.

mãe preta (*mommy*) ou do jagunço eram, constantemente, reforçados na figura daqueles que os interpretavam.

Através desse documentário, podemos perceber como o reforço de estereótipos em personagens de telenovelas configura um retrocesso ao projeto da identidade nacional, pois essa deixa de ser integradora, considerando que a estereotipagem “estabelece uma fronteira simbólica entre o ‘normal’ e o ‘inaceitável’, o ‘pertencente’ e o que não pertence ou é o ‘Outro’, entre pessoas de dentro (insiders) e ‘forasteiros’ (outsiders), entre nós e eles” (SOUZA, 2009, p. 192).

Em contrapartida, o debate sobre a identidade nacional ganhou força ao longo dos últimos anos, principalmente, graças a movimentos sociais que atuam em defesa das populações negras. Além disso, a profusão dos canais de comunicação, aprimorados pelas redes sociais, tem influenciado a visibilidade dessas pessoas na mídia, definindo “a representatividade imagética como elemento necessário para o antirracismo” (FERREIRA, 2020, p. 345).

As telenovelas, nesse sentido, se destacam pelo tratamento, por vezes, “informativo, antidogmático e a favor da tolerância e do respeito às chamadas minorias” (LOPES, 2003, p. 29), configurando-se como fortes aliadas na construção de uma sociedade multicultural. A exemplo disso estão tanto as tramas que trazem a desigualdade racial como uma de suas temáticas sociais e também aquelas novelas que têm em seu elenco a presença de atores negros.

Joel Zito Araújo aponta uma lenta, mas progressiva ascensão do negro na dramaturgia da teleficção a partir dos anos 80. O autor, contudo, pontua que “em um terço das telenovelas produzidas pela Rede Globo até o final dos anos 90 não havia nenhum personagem afrodescendente” (ARAÚJO, 2008, p. 980). Deste modo, sustentamos a importância de prosseguir a observação, buscando mapear a presença do negro na telenovela brasileira, estimulando, assim, o debate acerca da identidade nacional.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa quantitativa em tramas do horário nobre da Rede Globo, exibidas no período de 2010 a 2022⁵. Deste modo, foi possível mapear o número

⁵ Pontuamos que o fato de a maior parte das telenovelas citadas pertencerem à Globo, justifica-se pela presença duradoura do gênero em sua programação, constituindo-se como o principal produto da emissora.

de atrizes e atores negros nas novelas das nove neste intervalo. O ano inicial consta como 2010, mas a primeira produção dessa década (Viver a Vida) teve início ainda em setembro de 2009.

Considerando que “a coleta de dados também pode envolver a criação de um levantamento baseado na Web ou na internet e sua ministração on-line” (NESBARY, 2000 apud CRESWELL, 2007, p. 163), a busca foi feita através dos sites: Memória Globo, Gshow e Wikipédia, na seção referente ao elenco.

A opção pela pesquisa quantitativa está ancorada ao objetivo deste estudo, e tal método não se limita em ser somente descritivo. Os dados obtidos foram submetidos à interpretação, uma vez que consideramos a complexidade do fenômeno estudado. Segundo Lopes (2014, p. 155), “a pesquisa que se define como interpretativa desde a etapa de definição do objeto já fixa em seus objetivos ir além da descrição, antecipando as operações que deverá desenvolver de acordo com o modelo teórico escolhido”.

Destacamos que essa pesquisa foi dividida em duas etapas. Num primeiro momento, buscamos quantificar o número de atores negros presentes nas 21 telenovelas inéditas que foram ao ar entre setembro de 2009 e março de 2022. Para isso, foi organizada uma relação com todas essas tramas e, a partir de então, feita a leitura do elenco de cada uma delas. Essa fase foi denominada “presença”.

Tabela 1 – Quantidade de atores negros

Novela	Atores negros	Ano
Viver a Vida	3	2009-2010
Passione	2	2010-2011
Insensato Coração	6	2011
Fina Estampa	7	2011-2012
Avenida Brasil	5	2012
Salve Jorge	6	2012-2013
Amor à Vida	4	2013-2014
Em Família	9	2014
Império	5	2014-2015
Babilônia	9	2015
A Regra do Jogo	4	2015-2016
Velho Chico	7	2016
A Lei do Amor	5	2016-2017
A Força do Querer	4	2017
O Outro Lado do Paraíso	6	2017-2018
Segundo Sol	10	2018
O Sétimo Guardião	4	2018-2019
A Dona do Pedaço	3	2019
Amor de Mãe	10	2019-2021

Um Lugar ao Sol	6	2021-2022
Pantanal	5	2022

Fonte: Elaborado pelo autor

Os atores foram filtrados por meio das características fenotípicas, possibilitando a quantificação deles em cada telenovela. Nos casos em que houve dúvida quanto à classificação de determinado ator como negro ou não, foram pesquisadas reportagens, entrevistas ou declarações, nas quais esses profissionais se afirmavam como tais. Foi o caso das atrizes Raquel Villar⁶, Débora Nascimento⁷ e Lucy Alves⁸. Quando a dúvida permaneceu por falta desses recursos, não houve inclusão do ator ou atriz na relação.

As novelas que reuniram o maior número de atores negros em seus elencos foram Segundo Sol (10) e Amor de Mãe (10). Cabe destacar que Segundo Sol é ambientada em Salvador (BA), considerada a capital mais negra do país. Em Família e Babilônia empatam neste quesito (9). As novelas Insensato Coração, Salve Jorge, O Outro Lado do Paraíso e Um Lugar ao Sol também possuem a mesma quantidade (6).

Passione contabiliza somente dois atores em seu elenco. São eles: Pedro Lobo (Amendoim) e Rodrigo dos Santos (Noronha). Em todas as telenovelas compreendidas no período, contudo, nota-se a presença de negros, ainda que com uma oscilação. Das 21 tramas observadas, 7 delas possuem abaixo de 5 atores negros em seu elenco. Nas demais, o número é igual ou superior a 5.

No total, foram contabilizados 89 atores negros em papéis das novelas do horário nobre entre os anos de 2010 e 2022.

Na segunda fase da pesquisa, observamos as posições dos personagens interpretados por esses atores em cada uma das telenovelas. Para isso, foi realizado um mapeamento nas páginas supramencionadas. Quando não havia informação sobre ocupação ou profissão do personagem nos sites, foram feitas buscas no Google, de modo mais amplo, em matérias relacionadas às tramas ou aos atores. Essa fase foi denominada “posição”.

⁶ Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/tv/raquel-villar-destaque-na-serie-dom-por-ser-negra-de-pele-clara-estive-quase-sempre-no-papel-da-mulher-sensual/> Acesso em 25 set. 2022.

⁷ Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/o-brasil-e-seu-racismo-cinico-afinal-a-gente-sabe-quem-e-preto-certo/>. Acesso em 25 set. 2022.

⁸ Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/lucy-alves-celebra-momento-e-diz-mais-do-que-nunca-me-vejo-como-uma-mulher-preta-e-indigena.ghtml>_ Acesso em 25 set. 2022.

Verificou-se que, de um modo geral, os personagens interpretados pelos atores negros possuem distintos papéis, os quais não se limitam a empregadas domésticas, seguranças, motoristas ou presidiários. Vale lembrar que desde a década de 1960, os atores negros atuavam em situações de subalternidade.

Naquela época, a mulher negra era representada regularmente como escrava ou empregada doméstica, encaixando-se na reedição de estereótipos comuns ao cinema e à televisão norte-americana, como as *mammies* (ARAÚJO, 2008, p. 980).

Dentre as posições e ocupações atribuídas aos personagens das novelas exibidas no período investigado foram encontradas as seguintes: dona de pousada, pianista, menino abandonado, advogado (a), designer, quituteira, secretária, alcoólatra, cozinheira, mecânico, estudante, garçom, marida de aluguel, mística, namorada de personagem, empregada doméstica, vendedora, dona (o) de bar, enfermeira (o), médica, policial, professora, filho de personagem, instrutor de slackline, cabeleireira, síndica, motorista, dançarina, dona de loja, mototáxi, ex-empregada/cantora, cordelista, barman, cuidador, funcionário de tecelagem, padre, melhor amiga de personagem, estagiário de direito, moradora do quilombo, chefe do quilombo, garimpeiro, manicure, capoeirista, filha de pai de santo, babalorixá, sobrinho de personagem, garota de programa, dona de salão de beleza, guardião, pedreiro, fisioterapeuta, traficante, tenista, ex-marido de personagem, engenheira, escritora, aposentado e peão.

Notou-se que, dentre os atores negros presentes nas tramas, Taís Araújo (*Viver a Vida e Amor de Mãe*), Camila Pitanga (*Velho Chico*) e Juan Paiva (*Um Lugar ao Sol*) foram os únicos que interpretaram personagens centrais. Os demais atores viveram papéis secundários.

Por outro lado, destacamos que houve participação de alguns atores e atrizes negros em mais de uma telenovela, o que amplia, em certa medida, a representatividade imagética dessas pessoas na mídia televisiva, por meio da narrativa ficcional. Dos 89 atores presentes nas novelas do período estudado, 19 deles estiveram presentes em mais de uma trama. Considerando a inviabilidade de expor todos os resultados neste artigo, foi criada uma tabela apenas com esses atores, onde apresentamos, além de suas posições enquanto protagonistas ou secundários, os papéis desempenhados em termos de profissão ou ocupação nas respectivas telenovelas:

Tabela 2 – Papéis atribuídos aos atores negros

Ator	Papel	Posição	Telenovela
Taís Araújo	Modelo; advogada	Principal	Viver a Vida; Amor de Mãe
Camila Pitanga	Executiva de marketing; gerente de restaurante; empresária	Secundária; secundária; principal	Insensato Coração; Babilônia; Velho Chico
Isabel Fillardis	Namorada de personagem; advogada	Secundária	Insensato Coração; Fina Estampa
Cris Vianna	Cozinheira; designer gráfica; ex-passista; dona de loja	Secundária	Fina Estampa; Salve Jorge; Império; A Regra do Jogo
Rafael Zulu	Mecânico; enfermeiro	Secundário	Fina Estampa; Em Família
Ailton Graça	Boêmio; dono de salão de beleza; padre	Secundário	Avenida Brasil; Império; O Sétimo Guardião
Lucy Ramos	Moradora do Alemão; namorada de personagem; professora de inglês	Secundário	Salve Jorge; A Força do Querer; A Dona do Pedaco
Roberto Bonfim	Presidente de escola de samba; garçom	Secundário	Império; Segundo Sol
Erika Januza	Policial; moradora do quilombo; tenista	Secundário	Em Família; O Outro Lado do Paraíso; Amor de Mãe
Antônio Pitanga	Pai de Santo; aposentado	Secundário	Segundo Sol; Um Lugar ao Sol
Fabrcio Boliveira	Empresário; ex-marido de personagem	Secundário	Segundo Sol; Amor de Mãe
Roberta Rodrigues	Quituteira; perigete; dançarina; filha de pai de santo	Secundário	Insensato Coração; Salve Jorge; A Regra do Jogo Segundo Sol
Tânia Toko	Marida de aluguel; empregada doméstica	Secundário	Fina Estampa; Em Família
Pathy Dejesus	Vendedora; engenheira	Secundário	Avenida Brasil; Um Lugar ao Sol
Lica Oliveira	Dona de pousada; professora	Secundário	Viver a Vida; Em Família
Marcello Melo Jr	Machista; instrutor de slackline; pedreiro	Secundário	Em Família; Babilônia, O Sétimo Guardião
Dan Ferreira	Mototáxi; barman; capoeirista ; policial	Secundário	A Regra do Jogo; A Lei do Amor; Segundo Sol; Amor de Mãe
Cauê Campos	Guardião; filho de personagem	Secundário	O Sétimo Guardião; Pantanal
Lucy Alves	Herdeira de patrimônio; cantora; empregada doméstica	Secundário	Velho Chico; O Outro Lado do

Fonte: Elaborado pelo autor

Verifica-se que, embora não ocupem papéis centrais nas histórias, a maioria dos personagens vividos por atrizes e atores negros têm posições importantes em seus respectivos núcleos. Em Fina Estampa, a atriz Isabel Fillardis interpretou a advogada Mônica, que ajudou a personagem da atriz Renata Sorrah na briga judicial pela guarda do filho adotivo.

O ator Ailton Graça deu vida à Xana Summer, em Império. Considerada a primeira cross-dressing da televisão brasileira, a personagem teve destaque na novela. Através de Xana, a trama colocou em pauta a realidade de quem se veste como mulher mesmo não sendo transsexual.

Na novela A Dona do Pedaço, a atriz Lucy Ramos deu vida à Silvia Cunha, uma professora de inglês. Lica Oliveira também interpretou uma professora universitária quando participou de Em Família.

A atriz Cris Vianna interpretou a cozinheira Dagmar na novela Fina Estampa. Já Roberta Rodrigues viveu a quituteira Fabíola, em Insensato Coração. As duas personagens, contudo, tinham histórias fortes nas tramas: Dagmar viveu dois relacionamentos, enquanto Fabíola tentava a carreira como cantora de MPB.

Figura 1 - Fabrício Boliveira em Segundo Sol



Fonte: Divulgação/TV Globo (2018)

Figura 2 - Taís Araújo em Viver a Vida



Fonte: Gshow/Globo (2009)

Figura 3 - Ailton Graça em Império



Fonte: Roberto Moreyra (2014)

Figura 4 - Erika Januza em Amor de Mãe



Fonte: João Miguel Júnior (2019)

Figura 4 - Isabel Fillardis em Fina Estampa



Fonte: Alex Carvalho/TV Globo (2011)

Figura 6 - Rafael Zulu em Fina Estampa



Fonte: Gshow (2011)

Considerações finais

A partir do lavamento realizado, percebemos que, muito embora todas as novelas relacionadas possuam atores negros em seus elencos, são poucos os que ocupam papéis centrais nas tramas. Por outro lado, ainda que reconheçamos a necessidade de um estudo aprofundado, nota-se que houve redução de práticas representacionais que evidenciam a estereotipagem, amenizando aquilo que Hall (2016) denomina como violência simbólica.

Ferreira (2020, p. 345) destaca que “na era das redes a visibilidade da imagem em destaque, mesmo que ínfima, já é suficiente”. Mesmo assim, o autor chama a atenção para um aspecto essencial neste itinerário: a proporcionalidade. Logo, reforçamos a necessidade de movimentos sociais que provoquem a discussão sobre a participação de negros na estrutura midiática e sua representatividade na teledramaturgia. Conforme Araújo (2008, p. 982)

A telenovela, assim, ao não dar visibilidade à verdadeira composição racial do país, compactua conservadoramente com o uso da mestiçagem como escudo para evitar o reconhecimento da importância da população negra na história e na vida cultural brasileira.

Em suma, defendemos que a presença e o protagonismo de pessoas negras na telenovela devem ser pensados concomitantemente, considerando a realidade do Brasil e o projeto de identidade nacional. A narrativa ficcional revela-se, portanto, como um componente chave para o processo de representação e visibilidade da diversidade do país. Segundo Lopes (2003, p. 31), “a força e a repercussão da novela mobilizam cotidianamente uma verdadeira rede de comunicação, através da qual se dá a circulação dos seus sentidos e provocam a discussão e a polêmica nacional”.

Para Foucault (2004), o poder se materializa na estrutura social por meio de um conjunto de práticas, compreendido aqui, em termos simbólicos, incluindo “o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira - dentro de um determinado ‘regime de representação’” (HALL, 2016). No caso da produção ficcional, as populações negras são representadas por atores negros, porém orientados a partir de um enredo que define sua posição na narrativa.

Nessa perspectiva, o que está em jogo é a hegemonia cultural, que se insere aqui numa lógica que tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações da cultura. Trata-se, na concepção de Hall (2003, p. 339), “sempre de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele”. Por isso, é de fundamental importância para os negros “a adesão a pautas afins ao multiculturalismo: a questão da afirmação de uma beleza negra é o componente fundamental na política contra o racismo” (SOUZA, 2009, p. 383).

Hall (2003, p. 338), nos mostra ainda que “dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora”. O autor atribui a essa reconfiguração social não apenas uma abertura dos espaços dominantes, mas o resultado de políticas culturais da diferença, lutas, produção de novas identidades, além do surgimento de novos sujeitos nos âmbitos político e cultural.

Ao observarmos o percurso dos atores negros na teledramaturgia brasileira da última década, percebemos que houve avanço no que se refere à sua posição, uma vez que muitos atuaram em distintos papéis, desconstruindo estereótipos atribuídos, até então, através da criação de personagens em ascensão profissional. Em contrapartida, a presença

expressiva desses atores, especialmente em telenovelas do horário nobre, requer ainda um longo caminho pela frente.

Referências

ARAÚJO, J. (2008). O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, 16(3), 979-985. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300016>. Acesso em 25 set. 2022.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. Giro Decolonial, Teoría Crítica Y Pensamiento Heterárquico. In: **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Compiladores: Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007: 9-23.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p

FERREIRA, Ricardo Alexino. Representações, representatividades e dismorfias: mediação das identidades. **Extraprensa**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 341 – 352, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.175019>. Acesso em 25 set. 2022.

FOUCAULT, M. O que é a crítica? In: **Por uma vida não fascista**. Coletivo Sabotagem. 2004. 170 p.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliverira - Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016. 260 p.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola. 2014.

LOPES, M.I.V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, (26) 2003, p. 17-34.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Jessé Souza; colaboradores André Grillo ... [et al.] — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.